



O CHAMADO DE CTHULHU

(Encontrado entre os papéis do falecido Francis Wayland Thurston, de Boston)

“No que tange a tais grandes poderes ou seres, pode-se conceber uma sobrevivência... Uma sobrevivência de um período extremamente remoto, quando a consciência talvez se manifestasse por meio de formas e linhas há muito desaparecidas, antes da maré crescente da humanidade... Formas das quais somente a poesia e a lenda guardam uma lembrança fugaz, chamei-as de deuses, monstros, seres míticos de todos os tipos e espécies...” – Algernon Blackwood

I. O HORROR NO BARRO

A coisa mais misericordiosa do mundo, penso eu, é a incapacidade da mente humana de correlacionar todo o seu conteúdo. Vivemos em uma ilha plácida de ignorância no meio dos mares negros do infinito, e isso não significa que devemos ir muito longe. As ciências, cada uma esforçando-se em sua própria direção, até agora nos prejudicaram pouco, mas algum dia a junção de todo esse conhecimento fragmentado levará a visões aterrorizantes da realidade e de nossa assustadora posição, quando enlouqueceremos diante da revelação ou fugiremos da luz mortífera para a paz e a segurança de uma nova era das trevas.

Os teosofistas presumiram a espantosa grandeza do ciclo cósmico, em que nosso mundo e nossa raça humana formam nada mais que incidentes efêmeros. Eles sugeriram estranhos sobreviventes em termos que fariam nosso sangue congelar se não fossem mascarados por um otimismo insípido. Mas eles não foram responsáveis pelo único vislumbre de éons proibidos que me arrepiam quando penso no assunto e me enlouquecem em sonhos. Esse vislumbre, como todos os vislumbres assustadores da verdade, brotou de uma junção acidental de coisas separadas; nesse caso, um velho artigo de jornal e as anotações de um professor já falecido. Espero que ninguém mais o faça. Certamente, se eu viver, nunca fornecerei um elo sequer para uma corrente tão horrenda. Acredito que o professor também pretendia manter silêncio sobre o que sabia, e teria destruído suas anotações se a morte não tivesse se apoderado dele subitamente.

Meu conhecimento sobre o tema começou no inverno de 1926-27, com a morte do meu tio-avô George Gammell Angell, professor emérito de Línguas Semíticas da Universidade Brown, em Providence, Rhode Island. O professor Angell era amplamente conhecido como uma autoridade em inscrições antigas e frequentemente tinha seus serviços utilizados por chefes de importantes museus, de modo que seu falecimento, aos 92 anos de idade, é lembrado por muitas pessoas. Localmente, o interesse foi intensificado pela obscuridade da causa de sua morte. O professor caiu enquanto voltava de barco de Newport. Tombou repentinamente, conforme testemunhas disseram, depois de esbarrar fortemente em um homem negro de aparência de marinheiro que tinha vindo de um dos estranhos pátios escuros na encosta íngreme que servia de atalho entre a orla e a casa do falecido, na rua Williams. Os médicos foram incapazes de encontrar qualquer problema aparente, mas concluíram, depois de debaterem a causa, que alguma lesão cardíaca obscura, induzida pela rápida escalada de uma colina tão íngreme por um homem tão idoso, foi responsável por seu fim. Na época, não vi razão para discordar desse consenso, mas ultimamente estou inclinado a imaginar – e mais do que imaginar.

Como herdeiro e testamentário de meu tio-avô, que morrera sem deixar esposa nem filhos, esperava-se que eu examinasse seus

documentos com alguma seriedade, e foi com esse propósito que enviei todo o seu conjunto de arquivos e caixas para os meus aposentos em Boston. Uma grande parte do material que correlacionei será publicado mais tardiamente pela American Archaeological Society, mas havia uma caixa extremamente intrigante, e me senti muito avesso a que outros olhos a vissem. Ela estava trancada e eu não encontrava a chave, até que me ocorreu examinar o chaveiro que o professor carregava sempre no bolso. Então, na verdade, consegui abri-la, mas, quando o fiz, tive de transpor uma barreira ainda maior e mais difícil. Qual seria o significado do estranho baixo-relevo em argila e das anotações, das divagações e dos recortes desconexos que encontrei? Será que meu tio-avô, em seus últimos anos, tornou-se crédulo das imposturas mais superficiais? Resolvi procurar o excêntrico escultor responsável por essa aparente perturbação da paz de espírito de um idoso.

O baixo-relevo era um retângulo áspero com menos de 2,5 centímetros de espessura e cerca de 12,7 por 15,7 centímetros de área; obviamente, tinha origem moderna. Os entalhes, no entanto, estavam longe de apresentar uma atmosfera moderna, pois, embora os caprichos do cubismo e do futurismo sejam diversos e selvagens, eles nem sempre reproduzem essa regularidade enigmática que se esconde nas escritas pré-históricas. E a maior parte desses detalhes parecia certamente ser algum tipo de escrita, mas minha memória, apesar da grande familiaridade com os papéis e as coleções de meu tio-avô, não conseguia de alguma forma identificar essa espécie em particular, nem mesmo sugerir suas afiliações mais remotas.

Acima desses hieróglifos aparentes havia um entalhe evidentemente pictórico, embora sua execução impressionista proibisse uma ideia muito clara sobre sua natureza. Parecia ser uma espécie de monstro, ou um símbolo representando um monstro, de uma maneira que só uma mente doentia poderia conceber. Se eu disser que minha imaginação um pouco extravagante produziu imagens simultâneas de um polvo, um dragão e uma caricatura humana, não serei infiel ao espírito da coisa. Uma cabeça carnuda e tentacular se sobrepujava de um corpo grotesco e escamoso com asas rudimentares, mas a silhueta era o que

tornava a criatura ainda mais assustadora. Por trás da figura havia uma vaga sugestão de um pano de fundo arquitetônico ciclópico.

A anotações que acompanhavam esse estranho objeto, além de uma pilha de recortes de imprensa, continham a mais recente caligrafia do professor Angell, e não fingiam um estilo literário. O que parecia ser o documento principal estava intitulado “O CULTO A CTHULHU” em caracteres meticulosamente desenhados para evitar a leitura errônea de uma palavra tão inédita. O manuscrito foi dividido em duas seções, a primeira das quais foi intitulada “1925 – Sonho e Obra de H. A. Wilcox, rua Thomas 7, Providence, RI”, e a segunda, “Relato do Inspetor John R. Legrasse, rua Bienville 121, Nova Orleans, Louisiana, Congresso da A. A. S. em 1908. – Notas sobre o Insp. e Depoimento do Professor Webb”. Os outros artigos do manuscrito eram todos notas breves, algumas delas relatos dos estranhos sonhos de diferentes pessoas, alguns deles citações de livros e revistas teosóficas (notavelmente de *Atlantis* e *Lemúria*, de W. Scott-Elliot), e o restante comentava sobre sociedades secretas e cultos misteriosos que sobrevivem há tempos, com referências a passagens em fontes mitológicas e antropológicas como *O ramo de ouro*, de Frazer, e *O Culto da Bruxa na Europa Ocidental*, de Margareth Murray. Os recortes aludiam em grande parte às doenças mentais bizarras e aos surtos de loucura ou de histeria coletiva na primavera de 1925.

A primeira metade do manuscrito principal contava uma história muito peculiar. Parece que, no dia 1º de março de 1925, um jovem magro e moreno, de aspecto neurótico e exaltado, havia procurado o professor Angell trazendo o singular baixo-relevo de barro, que estava então extremamente úmido e fresco, em mãos. Seu cartão tinha o nome de Henry Anthony Wilcox, e meu tio-avô o reconheceu como o filho mais novo de uma excelente família que ele conhecia pouco, que estudara escultura na Escola de Design de Rhode Island e morava sozinho no Edifício Fleur-de-Lys, perto dessa instituição. Wilcox era um conhecido jovem precoce, de grande excentricidade, e desde a infância despertara a atenção de todos pelas estranhas histórias e sonhos inusitados que costumava contar. Ele mesmo dizia sofrer de uma

“hipersensibilidade psíquica”, mas o povo sério da antiga cidade comercial o tratava meramente como “estranho”. Nunca se misturava muito com os de sua espécie, havia negado gradualmente a visibilidade social e agora era conhecido apenas por um pequeno grupo de estetas de outras cidades. Até mesmo o Providence Art Club, preocupado em preservar seu conservadorismo, achara-o um caso totalmente perdido.

Na ocasião da visita, de acordo com o manuscrito do professor, o jovem escultor recorreu abruptamente ao conhecimento arqueológico do seu anfitrião para identificar os hieróglifos no baixo-relevo. Falava de uma maneira sonhadora e empolada, que sugeria uma certa pose e falta de simpatia; e meu tio-avô demonstrou certa nitidez ao responder, pois o frescor conspícuo da tabuleta indicava falta de parentesco com a arqueologia. A réplica do jovem Wilcox, que impressionou meu tio-avô o suficiente para fazê-lo recordar-se dela mais tarde e registrá-la literalmente, palavra por palavra, era de um viés fantasticamente poético que deve ter permeado toda a sua conversa, e que desde então achei altamente característico dele. Ele disse: “É recente, de fato, porque eu a criei na noite passada, depois de sonhar com cidades estranhas; e os sonhos são mais antigos do que as reminiscências de Tiro, ou a contemplativa Esfinge, ou a Babilônia cercada por jardins”.

Foi então que ele começou um relato desconexo que, de repente, tocou uma lembrança adormecida e conquistou o interesse febril de meu tio-avô. Houve um ligeiro tremor de terra na noite anterior, o mais considerável na Nova Inglaterra durante alguns anos, e a imaginação de Wilcox foi profundamente afetada. Ao se deitar, ele teve um sonho sem precedentes com grandes cidades ciclópicas feitas de blocos titânicos e grandes monólitos, todos cheios de uma gosma verde e sinistra com o horror latente. Os hieróglifos cobriam as paredes e os pilares, e de algum ponto indeterminado havia surgido uma voz que não era uma voz; uma sensação caótica que só a fantasia poderia transmutar em som, mas que ele tentou processar pela mistura quase impronunciável de letras: “Cthulhu fhthag”.

Essa desordem verbal foi a chave para a lembrança que empolgou e perturbou o professor Angell. Ele questionou o escultor com rigor

científico e estudou com intensidade quase frenética o baixo-relevo em que o jovem se encontrava trabalhando, com frio e vestido apenas com suas roupas de dormir, até que a vigília o pegasse de surpresa desconcertantemente. Meu tio-avô culpou sua velhice, segundo Wilcox, por sua lentidão em reconhecer hieróglifos e desenhos pictóricos. Muitas de suas perguntas pareciam muito fora de propósito para seu visitante, especialmente aquelas que tentavam conectá-lo com estranhos cultos ou sociedades, e Wilcox não conseguia entender as repetidas promessas de silêncio que lhe foram oferecidas em troca da admissão em alguma seita mística ou pagã amplamente difundida. Quando o professor Angell se convenceu de que o escultor era realmente ignorante de qualquer culto ou sistema de conhecimento críptico, impôs cerco ao visitante com exigências de relatos futuros de sonhos. Isso resultou em bons frutos regularmente, porque, depois da primeira entrevista, o manuscrito registrava visitas diárias do jovem, durante as quais ele relacionava fragmentos surpreendentes de paisagens noturnas cujo mote era sempre alguma terrível visão ciclópica de uma pedra escura e gotejante, com uma voz ou uma inteligência subterrânea soando monotonamente como impactos indescritíveis, exceto pelos sussurros. Os dois sons repetidos com mais frequência são aqueles representados pelas letras “Cthulhu” e “R’lyeh”.

Em 23 de março, o manuscrito continuou, mas Wilcox não apareceu. Investigações em seus aposentos revelaram que ele havia sido atingido por um tipo obscuro de febre e levado para a casa de sua família na rua Waterman. Ele berrara durante toda a noite, despertando vários outros artistas no prédio, e manifestara desde então apenas alternâncias entre inconsciência e delírio. Meu tio telefonou imediatamente para a família e, daquele momento em diante, acompanhou o caso de perto, ligando frequentemente para o escritório do dr. Thobey, na rua Thayer. A mente febril do jovem, aparentemente, meditava sobre coisas estranhas, e o médico estremeceu enquanto falava delas. Não era apenas uma repetição do que ele havia sonhado anteriormente, mas versavam selvagememente sobre uma coisa gigantesca, de “metros de altura”, que alternava entre andar e se arrastar. Em momento algum ele descreveu

completamente esse ser, mas ocasionais palavras frenéticas, repetidas pelo dr. Tobey, convenceram o professor de que ele deveria ser idêntico à monstruosidade sem nome que ele procurara retratar em sua escultura. A referência a esse objeto, acrescentou o médico, era invariavelmente um prelúdio da entrega do jovem à letargia. Sua temperatura, curiosamente, não estava muito acima do normal, mas toda a sua condição sugeria mais uma febre verdadeira do que um problema mental.

No dia 2 de abril, por volta das três da tarde, todos os vestígios da doença de Wilcox cessaram repentinamente. Ele se sentou na cama, espantado por se encontrar em casa e completamente ignorante em relação ao que acontecera em sonho ou realidade desde a noite de 22 de março. Depois que o médico declarou que estava bem, ele retornou aos seus aposentos em três dias, no entanto não conseguiu mais ser de algum valor para o professor Angell. Todos os vestígios de sonhos estranhos tinham desaparecido com a sua recuperação, e meu tio não manteve nenhum registro de seus pensamentos noturnos depois de uma semana de relatos inúteis e irrelevantes de visões completamente usuais.

Aqui termina a primeira parte do manuscrito, mas as referências a algumas das anotações dispersas me deram muito o que pensar – tanto, de fato, que apenas o ceticismo arraigado formador de minha filosofia poderia explicar minha contínua desconfiança em relação ao artista. As anotações em questão eram descritivas dos sonhos de várias pessoas cobrindo o mesmo período em que o jovem Wilcox recebeu suas estranhas visitas. Meu tio, ao que parece, instituíra rapidamente um corpo prodigiosamente extenso de investigações entre quase todos os amigos que ele podia questionar, solicitando relatos noturnos de seus sonhos e as datas de quaisquer visões notáveis surgidas naquela época. As atitudes ante seu pedido parecem ter sido variadas, mas ele deve, no mínimo, ter recebido mais respostas do que qualquer homem comum poderia ter tratado sem o auxílio de uma secretária. Essa correspondência original não foi preservada, mas suas anotações formavam um resumo completo e realmente significativo. As pessoas comuns, envolvidas na sociedade e nos negócios locais – o tradicional “sal da terra” da Nova Inglaterra – deram uma resposta quase sempre completamente

negativa, embora casos esparsos de impressões noturnas inquietas mas sem forma apareçam aqui e ali, sempre entre 23 de março e 2 de abril – o período de delírio do jovem Wilcox. Os homens das ciências foram um pouco menos afetados, embora quatro casos de descrição vaga sugiram vislumbres fugidios de paisagens estranhas, e em um caso mencionou-se um medo de algo sobrenatural.

As respostas mais pertinentes vieram dos artistas e dos poetas, e sei que o pânico teria se espalhado se tivessem sido capazes de comparar suas anotações. Da maneira como estava, faltando-lhes as cartas originais, eu quase suspeitava que o compilador tivesse feito perguntas tendenciosas ou tivesse editado a correspondência para refletir o que ele havia deliberadamente decidido ver. É por isso que continuei a sentir que Wilcox, de algum modo consciente dos antigos dados que meu tio possuía, quisesse se aproveitar do veterano cientista. As respostas dos estetas contaram uma história perturbadora. De 28 de fevereiro a 2 de abril, grande parte deles sonhara com coisas muito bizarras, sendo a intensidade dos sonhos imensamente mais forte durante o período do delírio do escultor. Mais de um quarto relataram cenas e sons parecidos com os que Wilcox descrevera; e alguns confessaram o medo agudo da gigantesca coisa sem nome visível nos últimos sonhos. Um caso, descrito enfaticamente nas anotações, foi particularmente triste. O sujeito, um arquiteto amplamente conhecido com inclinações para a teosofia e o ocultismo, ficou violentamente insano na data em que o jovem Wilcox adoeceu, vindo a falecer vários meses depois, após gritar incessantemente que fosse salvo de um habitante foragido do inferno. Se meu tio tivesse se referido a esses casos pelo nome, em vez de simplesmente pelo número, eu poderia tentar alguma corroboração e iniciado uma investigação pessoal, mas, da maneira como tudo aconteceu, consegui descobrir apenas alguns deles. Todos, no entanto, comprovavam as anotações na íntegra. Muitas vezes me perguntei se todos os que foram objeto do questionamento do professor pareciam tão confusos quanto esse grupo. É bom que nenhuma explicação jamais chegue até eles.

Os recortes de materiais da imprensa, como eu sugeri, versavam sobre casos de pânico, mania e excentricidade durante o mesmo período.

O professor Angell deve ter colocado um departamento apenas para fazer os recortes, pois o número de notas era enorme, e as fontes estavam espalhadas ao redor do mundo. Havia uma sobre um suicídio noturno em Londres, quando um adormecido solitário saltou de uma janela depois de dar um grito horripilante. Também havia uma carta para o editor de um jornal na América do Sul, em que um fanático deduz um futuro terrível de acordo com visões que teve. Um despacho da Califórnia descreve uma colônia de teosofistas vestindo macacões brancos em massa e aguardando alguma “realização gloriosa” que nunca chega, enquanto os recortes da Índia falam cautelosamente de graves conflitos entre nativos no final de março. As orgias vodus se multiplicavam no Haiti, e os postos avançados africanos relatavam murmúrios sinistros. Oficiais americanos nas Filipinas achavam que certas tribos estavam incômodas nessa época, e os policiais de Nova York se viram cercados por levantinos histéricos na noite de 22 para 23 de março. O oeste da Irlanda também estava cheio de boatos e lendas, e um fantástico pintor chamado Ardois-Bonnot exibiu uma obra blasfêmia chamada “Dream Landscape” no salão de primavera de Paris em 1926. E tão numerosos eram os problemas registrados em hospícios que somente um milagre poderia ter impedido a classe médica de notar paralelismos estranhos e chegar a conclusões mistificadas. Em geral, havia um monte de estranhos recortes e, dito isso, neste momento mal posso conceber o racionalismo insensível com o qual os pus de lado. No entanto, fiquei convencido de que o jovem Wilcox sabia dos assuntos mais antigos mencionados pelo professor.

II.

O RELATO DO INSPECTOR LEGRASSE

Os assuntos mais antigos, que haviam tornado o sonho e o baixo-relevo do escultor tão significativos para o meu tio, formavam o tema da segunda metade de seu longo manuscrito. Uma vez antes, parece, o professor Angell tinha visto os contornos infernais daquela monstruosidade